



## A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO SOBRE O IMPERIALISMO EM LÊNIN PARA O ENTENDIMENTO DA CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL<sup>1</sup>

### GT 5 – História Econômica, do Pensamento Econômico e Economia Política?

Alane Gonçalves Vieira<sup>2</sup>

#### RESUMO

O capital financeiro ao dominar as economias periféricas, consegue subordinar até o seu aparato estatal. Quando a dominação não é por meios diretos, esta é por indiretos, tirando a independência política e econômica de países que são considerados formalmente independentes, lhes deixando num estado de dependência. Se consegue tudo isto com um aparato político e ideológico que os deixam de mãos atadas. Lênin deixaria clara em sua obra a impossibilidade de um reformismo no atual sistema, com a revolução socialista como a única alternativa para tal situação. Pois para ele a problemática do imperialismo seria por conta da impossibilidade de impor limites à reprodução ampliada do capital e atenuar seus efeitos perversos sobre a sociedade. Este trabalho visa realizar um estudo acerca das condições que partindo da acumulação de capitais leva o capitalismo às crises, demonstrando como que estas são características sui generis do próprio modo de produção capitalista e como elas vão impactar nas economias periféricas. Para isto realizar-se-á uma pesquisa bibliográfica, com um exame que corrobore a relevância do estudo, partindo dos estudos de Lênin sobre o imperialismo. Estudar o imperialismo é estudar a forma de aprofundamento e garantia para a dominação através do capital financeiro às economias importadoras de capitais durante a fase das conquistas coloniais. Foi a partir dos estudos de Lênin que ficou conhecido o estudo do imperialismo ou de imperialismo clássico – 1890-1940.

Palavras-chave: Imperialismo. Capital Financeiro. Monopólio.

#### 1 INTRODUÇÃO

Lênin não morreu! Na apresentação a edição eletrônica da obra: *Imperialismo Fase Superior do Capitalismo*, Plínio Arruda de Sampaio Junior traz à tona a problemática dos impactos do imperialismo causados nos países periféricos. Estes se tornam, querendo ou não, submissos ao jogo feroz do capital de dominação nos mais diversos setores do Estado, tanto economicamente quanto politicamente.

<sup>1</sup> Pesquisa realizada com suporte financeiro total da FAPEMIG.

<sup>2</sup> Discente do curso de Ciências Econômicas da FACSAB/UFVJM. Bolsista FAPEMIG e-mail: alane\_goncalves@hotmail.com



Para os povos que fazem parte da periferia do sistema capitalista mundial, os novos tempos tornaram-se particularmente sombrios. [...] Submetidas à ferocidade da concorrência global e ao despotismo das potências imperialistas, as sociedades que fazem parte da periferia do sistema capitalista tornaram-se presas de um processo de reversão neocolonial que coloca em questão a sua própria sobrevivência como Estado nacional capaz de controlar minimamente as taras do capital. (ARRUDA JR, 2011, p.9).

Ele sintetiza como a força do capital é grande quando diz repeito a fazer valer seus interesses. Neste caso nos remete à memória todas as tentativas de revolução, ou de quase revolução feitas pela esquerda na América Latina e que acabaram derrotadas pelo grande poderio principalmente militar dos representantes do grande capital. Poderio este que Che Guevara usa de exemplo para justificar que não seria possível fazer uma revolução em Cuba se não fosse por meio de um exército rebelde.

[...] a verdade é que o imperialismo demonstrou uma surpreendente capacidade de contornar os obstáculos que se lhe antepunham, neutralizar as iniciativas que pudessem subverter a ordem e impor o desiderato do padrão de acumulação neoliberal-periférico às sociedades latino-americanas. (ARRUDA, JR, 2011, p.13-4)

Plínio usa a hipótese de Florestan Fernandes para se apoiar ao dizer que a principal causa da facilitada submissão ao capital dos povos latino-americanos seria a “falta de instrumentos políticos adequados para enfrentar a situação, (...) perdendo-se em processos estéreis ou, pior, em equívocos recorrentes que redundaram em graves derrotas.” (ARRUDA, JR, 2011, p.14). Através dessas observações que Plínio reclama da necessidade de se voltar à Lênin, pois para ele através deste se pode voltar ao debate político revolucionário.

Não se trata de imaginar o pensamento de Lênin como uma panaceia capaz de dar respostas aos complexos problemas da luta de classes contemporânea, mas de recuperar uma reflexão que constitui patrimônio inestimável do movimento socialista revolucionário. (ARRUDA, JR, 2011, p.14-5)

Para Plínio, Lênin foi levado à estudar sobre esse assunto por conta das:

[...] crescentes rivalidades entre as grandes potências capitalistas, que empurravam o mundo para uma guerra generalizada, e pela urgência de encontrar uma resposta teórica e prática para o fortalecimento das tendências oportunistas no interior da social-democracia. (ARRUDA, JR, 2011, p.30)

E ainda cita Lênin:

[...] “O problema do imperialismo” – escreve em 1915 – “não é somente um dos problemas essenciais, mas provavelmente o mais essencial na esfera da ciência



econômica que estuda a mudança de forma do capitalismo nos tempos modernos. Conhecer os fatos relacionados a esta esfera, [...], é absolutamente indispensável para quem se interessa, não só pela economia, mas por qualquer aspecto da vida social contemporânea.” (LÊNIN apud JÚNIOR, 2011, p.30-1)

Estudar o imperialismo é estudar a forma de aprofundamento e garantia para a dominação através do capital financeiro às economias importadoras de capitais durante a fase das conquistas coloniais. Foi a partir dos estudos de Lênin que ficou conhecido o estudo do imperialismo ou de imperialismo clássico – 1890-1940.

## 2 O ESTUDO DO IMPERIALISMO

Lênin tinha como base Hobson, Hilferding e Marx como referenciais e a partir deles ele chega à explicitação do que seria um novo momento histórico. Muitos movimentos do capital do século XX, foram analisados por teóricos com embasamento em Marx. Este não teve oportunidade para tal pelo fato de na sua época não existirem ainda tais movimentos.

[...] alguns marxistas desenvolveram estudos que indicaram que o sistema capitalista vinha experimentando, desde os últimos trinta anos do século XIX, uma série de substantivas transformações. [...] tornou-se mais ou menos consensual, entre os críticos da Economia Política, caracterizar como imperialismo o capitalismo que domina ao longo do século XX – e, com novas determinações, ingressa no século XXI. (BRAZ e NETTO, 2010, p.168-9)

Os capitalistas dominantes entendem que as conquistas coloniais ajudam a adiar vários problemas internos das suas próprias economias para as periféricas.

[...] “nós, os políticos coloniais, devemos apoderar-nos de novos territórios; para eles enviaremos o excedente de população e neles encontraremos novos mercados para os produtos das nossas fábricas e das nossas minas. O império, sempre o tenho dito, é uma questão de estômago. Se quereis evitar a guerra civil, deveis tornar-vos imperialistas.” (CECIL RHODES, Die Neue Zeit, XVI, 1, 1898, S. 304. apud LÊNIN, 2011, p.204)

Os capitalistas mantêm desta forma, o olhar à frente para futuras aquisições, por isso da tamanha necessidade de aquisição de terras, já que com o desenvolvimento da técnica, terras que no presente não são aproveitáveis, no futuro poderão ser.



Do mesmo modo que os trustes capitalizam os seus bens atribuindo-lhes o dobro ou o triplo do seu valor, tomando em consideração os lucros „possíveis“ no futuro (e não os lucros presentes) e tendo em conta os resultados ulteriores do monopólio, o capital financeiro manifesta a tendência geral para se apoderar das maiores extensões possíveis de território, seja ele qual for, encontre-se onde se encontrar, por qualquer meio, pensando nas fontes possíveis de matérias-primas e temendo ficar para trás na luta furiosa para alcançar as últimas parcelas do mundo ainda não repartidas ou por conseguir uma nova partilha das já repartidas. (LÊNIN, 2011, p.210-1)

Com influências de Marx, Lênin tem como base a lei da tendência à concentração e centralização do capital para explicar como se dá a transformação do capitalismo competitivo em capitalismo monopolista, o que dá por fim à origem ao capital financeiro (fusão do monopólio industrial com o monopólio bancário).

[...] Ao diminuir radicalmente as barreiras temporais e espaciais à acumulação de capital, a elevação na mobilidade espacial do capital, o incremento na sua capacidade de mutação de forma, a intensificação do ritmo de rotação do capital fazem crescer exponencialmente a sua faculdade de comandar trabalho e disputar as oportunidades de negócio em escala mundial. A expansão do capital internacional, o aumento na liquidez do capital, a intensificação de sua fluidez intersetorial, a hipertrofia da órbita financeira e dos circuitos de valorização fictícia do capital são fenômenos associados à profunda redefinição da relação do capital com o espaço e com o tempo. (ARRUDA JR, 2011, p.39-0).

Lênin, assim como Marx demonstra que o desenvolvimento da indústria e concentração são características “marcantes do capitalismo” e ainda afirma que “a concentração da produção é muito mais intensa do que a dos operários.” (LÊNIN, 2011, p.118). Este acusa o capital-dinheiro de auxiliador de tal façanha, ele diz que inúmeros padrões de todos os níveis acabam sendo dominados por poucos financistas milionários.

A concentração conduz ao monopólio, dificultando a concorrência linearmente. Para Lênin a transformação da concorrência em monopólio chega a ser o fenômeno mais importante da economia do capitalismo moderno e este demonstra o fenômeno que é a integração.

[...] uma particularidade extremamente importante do capitalismo, chegado ao seu mais alto grau de desenvolvimento, é a chamada integração, isto é, a reunião numa única empresa de diferentes ramos da indústria que possam abranger fases sucessivas da elaboração de uma matéria-prima [...] ou que desempenham um papel auxiliar uns em relação aos outros. (LÊNIN, 2011, p.121)

Lênin frisa que a concentração não está ligada diretamente com direito alfandegário (ou protecionismo do Estado), pois em países que não o ocorreram estas também chegaram a tal. O que ele deixa bem claro é que: “o aparecimento do monopólio, como consequência da



concentração da produção, é uma lei geral e fundamental da presente fase de desenvolvimento do capitalismo.” (p.124). Na Europa esse período se inicia definitivamente, no início do século XX e numa segunda fase os cartéis. Os cartéis se dão após a concentração, pois através desta há uma grande inovação técnica. “A concorrência transforma-se em monopólio. Daí resulta um gigantesco progresso na socialização da produção. Socializa-se também, em particular, o desenvolvimento dos inventos e os aperfeiçoamentos técnicos.” (LÊNIN, 2011, p.130)

Nesta nova fase, o mercado já não é mais desconhecido e incontrolável como na época de Marx, com a concentração se tem conhecimento e controle desde as matérias-primas utilizadas na produção.

Produtores independentes são arrastados para uma nova forma de produção e socialização dominada por um reduzido número de capitalistas, em que como diz Lênin é ainda “mais insuportável” (2011, p.131). O nível de poder das classes dominantes alcança um estágio nunca alcançado antes e estas usam de novas armas para se manterem no poder. Nessa alta fase de concentração que é o monopólio, o aniquilamento é objetivo.

Já não se trata, de modo algum, da luta da concorrência entre pequenas e grandes empresas, entre empresas tecnicamente atrasados e estabelecimentos de técnica avançada. Encontramo-nos perante a asfixia, pelos monopolistas, de todos aqueles que não se submetem ao monopólio, ao seu jugo, à sua arbitrariedade. (LÊNIN, 2011, p.132-3)

O que se tem agora é a socialização integral da produção, em que se tem uma produção social, porém a apropriação se torna ainda mais privada por um número cada vez menor de donos, tudo isto através da dominação e violência.

O monopólio aumenta as crises e estas se acentuam ainda mais por conta da desproporção entre o desenvolvimento da agricultura e indústria. Só que um fato sobre as crises é que estas tendem a aumentar a concentração.

Lênin descreve o processo de acumulação dos bancos em poucas palavras, em que estes se tornam monopolistas “de quase todo o capital-dinheiro do conjunto dos capitalistas e pequenos empresários, bem como da maior parte dos meios de produção e das fontes de matérias-primas de um ou de muitos países.” (LÊNIN, 2011, p.138), ou seja, com a concentração, os bancos passam a ter controle sobre uma grande extensão de capitalistas.

Com um pequeno número de grandes bancos operando, estes se tornam mais fáceis de organizar e forma trustes, com isso passam a ter hegemonia na tomada de decisões e passam a decidir quais capitalistas e governos terão direito ao crédito. Primeiro se tem os “acordos”



entre os bancos, depois entre bancos e indústria e por fim, entre bancos e próprio governo.

Não há que esperar que o movimento moderno de concentração fique circunscrito aos bancos. As estreitas relações entre diferentes bancos conduzem também naturalmente à aproximação entre os sindicatos de industriais que estes bancos protegem... Um belo dia acordaremos e perante os nossos olhos espantados não haverá mais do que trustes. (LÊNIN, 2011, p.145)

Com este movimento, até mesmo a ciência burguesa se diz impotente com tal processo. “O século XX marca, pois, o ponto de viragem do velho capitalismo para o novo, da dominação do capital em geral para a dominação do capital financeiro.” (LÊNIN, 2011, p.159).

O velho capitalismo caducou. O novo constitui uma etapa de transição para algo diferente. Encontrar “princípios firmes e fins concretos” para a “conciliação” do monopólio com a livre concorrência é, naturalmente, uma tentativa votada ao fracasso. (LÊNIN, 2011, p.158)

O capital financeiro, Plínio deixa claro, acaba por provocar mudanças de comportamento das classes sociais com uma oligarquia financeira que através da “união pessoal”, termo usado por Lênin, aumenta ainda mais o poder econômico e político.

O controle da economia, das finanças e dos assuntos do Estado transforma a luta pelo controle territorial da economia mundial e a violência como método de acumulação - o imperialismo - em razão de Estado. [...] A impossibilidade de conciliar internacionalização de capital e autodeterminação dos povos, capitalismo e paz, é, portanto, uma determinação estrutural da hegemonia do capital financeiro. (ARRUDA, JR, 2011, p.40-1)

O capital financeiro ao dominar as economias periféricas, consegue subordinar até o seu aparato estatal, quando a dominação não é por meios diretos, esta é por indiretos, tirando a independência política e econômica de países que são considerados formalmente independentes, lhes deixando num estado de dependência em relação à estes. Se consegue tudo isto com um aparato político e ideológico que os deixam de mãos atadas. Conseguem assim, firmar o monopólio que antes era interno, para uma escala internacional nos países dominados. “(...) no mercado colonial é mais fácil (e por vezes só nele é possível), utilizando meios monopolistas, suprimir o concorrente, garantir encomendas, consolidar as “relações” necessárias, etc.” (LÊNIN, 2011, p.211).

Tudo isto, para Plínio, decorrente “da lógica de conquista econômica e territorial que se impõe como padrão de relacionamento entre os cartéis internacionais e as potências



capitalistas que disputam o controle da economia mundial.” (JÚNIOR, p.42). Plínio usa as palavras de Lênin novamente para explicitar o que é a exploração e dominação desta nova fase:

El imperialismo es El capitalismo en la fase de desarrollo en que ha tomado cuerpo La dominación de los monopolios y del capital financiero, ha adquirido señalada importancia la exportación de capitales, ha empezado El reparto del mundo por los trustes internacionales y ha terminado El reparto de toda la tierra entre los países capitalistas más importantes. (LÊNIN apud ARRUDA JR, 2011, p.43)

Na primeira fase do capitalismo tinha-se a livre concorrência e exportavam-se mercadorias, agora no capitalismo moderno onde agora há monopólio, Lênin chama a atenção para a exportação de capital que vem a adquirir um grande desenvolvimento em princípios do século XX.

[...] a constituição da organização monopólica obedeceu à urgência de viabilizar um objetivo primário: o acréscimo dos lucros capitalistas através do controle dos mercados. (NETTO, 2005, p.20)

Com o desenrolar da acumulação de capitais, um punhado de capitalistas acabam por ter “excesso” de capitais em suas mãos que encontram dificuldades para se valorizarem. Capitais estes decorrentes da própria acumulação capitalista.

[...] num primeiro momento, ele é utilizado como forma de autofinanciamento dos grupos monopolistas; em seguida, porém, a sua magnitude excede largamente as condições imediatas de valorização, posto que o monopólio restringe, pela sua natureza mesma, o espaço capitalista de inversões. (NETTO, 2005, p. 22)

Contornou-se tal fato através da exportação deste excedente para outras economias incluídas no círculo do capital e que são consideradas economicamente atrasadas ou para o financiamento da indústria bélica ou ainda este é direcionado para atividades especulativas que não geram valor.

[...] a monopolização dá corpo a uma generalizada burocratização da vida social, multiplicando ao extremo não só as atividades improdutivas stricto sensu, mas todo um largo espectro de operações que, no “setor terciário”, tão-somente vinculam-se a formas de conservação e/ou legitimação do próprio monopólio. (NETTO, 2005, p.23)

Lênin ressalta o jogo voraz do capitalismo, ao remeter o porquê desse excedente se ainda existe tanta pobreza e desigualdade. Haverá sempre isto, pois não é da vontade dos capitalistas a equiparação das classes sociais e sim a busca cada vez mais lucro através da



acumulação.

A escolha da exportação de capitais para as economias importadoras beneficiam muito mais os exportadores do que os que a recebem, pois lá além de encontrarem condições mais favoráveis para a produção por conta do baixo nível de vida, eles ainda recebem uma contrapartida favorável por tê-las escolhido.

O capital financeiro criou a época dos monopólios. E os monopólios introduzem os seus métodos em toda a parte: a utilização das “relações” para as transações proveitosas substitui a concorrência no mercado aberto. É muito corrente que entre as cláusulas do empréstimo se imponha o gasto de uma parte do mesmo na compra de produtos ao país credor, em especial de armamentos, barcos, etc. (LÊNIN, 2011, p.185)

Com tantas condições favoráveis, há uma disputa pelas nações exportadoras por quais países receberam o seu capital. “Os países exportadores de capitais dividiram o mundo entre si, no sentido figurado do termo. Mas o capital financeiro também conduziu à partilha direta do mundo.” (LÊNIN, 2011, p.187).

Dessa forma, “Plínio deixa claro que qualquer que seja a estratégia que orienta a política do imperialismo e qualquer que seja a forma assumida da disputa pelo controle da economia mundial, a luta entre os grandes trustes internacionais impõe uma lógica de dominação que coloca o mundo sob permanente tensão”. (ARRUDA JR, 2011, p.43-4) Tudo isto pela própria lógica de acumulação do capital financeiro.

Por conta do crescimento do capital financeiro, cresce com isso o número daqueles que lucram com ele, a chamada oligarquia financeira rentista por Lênin, que “imprime uma marca de parasitismo a todo o país, que vive da exploração do trabalho de uns quantos países e colônias do ultramar.” (LÊNIN, 2011, p.232-3). Vindo a ter os Estados-rentistas e os Estados devedores. Além do crescimento do oportunismo que Lênin atribui aos subornos feitos à alguns líderes da classe operária como forma de apaziguar as lutas de classe. Lênin ainda diz “(...) A ideologia imperialista penetra mesmo no seio da classe operária, que não está separada das outras classes por uma muralha da China.” (2011, p.245)

O Estado-rentista é o Estado do capitalismo parasitário e em decomposição, e esta circunstância não pode deixar de se refletir, tanto em todas as condições políticas e sociais dos países respectivos em geral, como nas duas tendências fundamentais do movimento operário em particular. (LÊNIN, 2011, p.235)

Para a garantia de maximização de lucros os capitalistas, além dos recursos citados anteriormente, ainda partem para meios extra-econômicos. O Estado que antes atuava como





“ciosos guardião das condições externas da produção capitalista”, garantindo primordialmente a propriedade privada, agora sua “intervenção estatal incide na organização e na dinâmica econômicas desde dentro, e de forma contínua e sistemática. (...) as funções políticas do Estado imbricam-se organicamente com as suas funções econômicas.” (NETTO, 2005, p.24-25) O Estado passa a garantir os superlucros dos monopólios.

[...] a funcionalidade essencial da política social do Estado burguês no capitalismo monopolista se expressa nos processos referentes à preservação e ao controle da força de trabalho – ocupada, mediante a regulamentação das relações capitalistas/trabalhadores; lançada no exército industrial de reserva, através dos sistemas de seguro social. (NETTO, 2005, p.31)

Plínio diz que Lênin não se contentou com a caracterização do imperialismo de transição para o socialismo, pois como consequência do imperialismo veio as guerras imperialistas. “(...) a lei do desenvolvimento desigual desencadeava disputas econômicas e políticas que só poderiam ser resolvidas pela guerra imperialista.” (ARRUDA JR, 2011, p.98-9). E através destas teria o ponto de ápice da classe operária para a revolução socialista.

O mundo pós guerra modificou a configuração do imperialismo.

Embora o conteúdo e a forma do imperialismo tenham mudado, a necessidade e a possibilidade do socialismo como única resposta positiva ao avanço da barbárie capitalista – teses centrais da teoria do imperialismo de Lênin - permanecem mais atuais do que nunca, pois abundam as evidências de que a valorização desenfreada do capital ameaça o futuro da humanidade. (ARRUDA JR, 2011, p.99-0)

### 3 CONCLUSÃO

Segundo Lênin, o imperialismo era como regime de transição do capitalismo para o socialismo. A constante contradição marcada pelo imperialismo era principalmente como Lênin deixa claro no seu livro, *Imperialismo: etapa superior do capitalismo*, a grande socialização das forças produtivas em nível mundial, juntamente com a crescente apropriação privada dos meios de produção pela oligarquia financeira.

“O imperialismo é o capitalismo na fase de desenvolvimento em que ganhou corpo a dominação dos monopólios e do capital financeiro, adquiriu marcada importância a exportação de capitais, começou a partilha do mundo pelos trusts internacionais e terminou a partilha de toda a terra entre os países capitalistas mais importantes.” (LÊNIN 1977, I:641-642 apud BRAZ E NETTO, 2010, p. 180)



Lênin deixaria clara em sua obra a impossibilidade de um reformismo no atual sistema, com a revolução socialista como a única alternativa para tal situação. Pois para ele a problemática do imperialismo seria por conta da impossibilidade de impor limites à reprodução ampliada do capital e atenuar seus efeitos perversos sobre a sociedade.

A definição do imperialismo como regime de transição que prepara as bases objetivas do socialismo está determinada pela substituição do capitalismo baseado na livre concorrência pelo capitalismo fundado no monopólio. (...) A progressiva monopolização da produção aguça a contradição entre a crescente socialização das forças produtivas e a continuidade de um regime social baseado na apropriação privada dos meios de produção. (...) Por fim, a integração dos países atrasados na rede de dependência e dominação do capital financeiro acelera a penetração de relações de produção tipicamente capitalistas e estimula a expansão de suas forças produtivas, transformando em antagonismo insuperável a contradição entre a lógica de conquista do imperialismo e a aspiração de autodeterminação dos povos que fazem parte do elo fraco do sistema capitalista mundial. (ARRUDA JR, 2011, p.44-5)

Fica claro que para Lênin o imperialismo “é a fase monopolista do capitalismo” (2011, p.217) e “o monopólio é a transição do capitalismo para um regime superior.” (2011, p.217). Neste estágio a sociedade burguesa alcança sua maturidade histórica.

O imperialismo é, pois, o capitalismo na fase de desenvolvimento em que ganhou corpo a dominação dos monopólios e do capital financeiro, adquiriu marcada importância a exportação de capitais, começou a partilha do mundo pelos trustes internacionais e terminou a partilha de toda a terra entre os países capitalistas mais importantes. (LÊNIN, 2011, p.218)

Diferentemente de Lênin, K. Kautsky (O principal teórico marxista da época da chamada II Internacional, isto é, dos vinte e cinco anos compreendidos entre 1889 e 1914) acreditava que o imperialismo não se tratava de uma fase do capitalismo, mas de uma política deste ao anexar regiões agrárias para a dominação. Ele ainda acreditava num próximo estágio deste, em que haveria o “ultra imperialismo”, que seria a união de todos os imperialismos do mundo cessando a guerra imperialista.

O imperialismo é um produto do capitalismo industrial altamente desenvolvido. Consiste na tendência de toda a nação capitalista industrial para submeter ou anexar cada vez mais regiões agrárias, quaisquer que sejam as nações que as povoam. (KAUTSKY apud LÊNIN 2011, p.220)

Lênin vai contra a sua definição ao chamá-la de não marxista e ao bater na tecla que o que é predominante nele é o capital financeiro e não o industrial e que se tem anexações de regiões que não são necessariamente agrárias, mas também industriais, pelo constante jogo de



partição e repartição do mundo pelas potências. Quando Kautsky separa o político do econômico ele dá margem para dizer que um monopolista poderia atuar com um não monopolista, pois estes teriam diferentes formas de fazer política e não que a dominação é a característica central desta fase do capitalismo. Lênin ainda critica a teoria do ultra imperialismo pois por mais que o monopólio tente ele nunca poderia eliminar qualquer tipo de concorrência, por conta do próprio progresso técnico.

Lênin deixa bem claro sua opinião aos reformistas do imperialismo, chamando de “reformismo burguês” e “reacionarismo”.

[...] O imperialismo é a época do capital financeiro e dos monopólios, que trazem consigo, em toda a parte, a tendência para a dominação, e não para a liberdade. A reação em toda a linha, seja qual for o regime político; a exacerbação extrema das contradições também nesta esfera: tal é o resultado desta tendência. Intensifica-se também particularmente a opressão nacional e a tendência para as anexações, isto é, para a violação da independência nacional (pois a anexação não é senão a violação do direito das nações à autodeterminação). (LÊNIN, 2011, p.260).

Fica claro a importância de nos estar sempre remetendo aos estudos de Lênin para compreender o capitalismo de hoje e sua crise, mesmo que ele não tenha vivido nos dias atuais. Não é simplesmente ler Lênin e pretender encontrar nos seus escritos respostas prontas para os problemas atuais, mas de compreender e assimilar o seu legado.

Lênin tem um pensamento tão ligado à vida e um discurso tão claro e incisivo, que textos seus – livros, panfletos, cartas, telegramas – escritos um século atrás parecem saltar para a atualidade e ganhar vida, armando-nos com análises, experiências e ensinamentos de grande valor para a luta que hoje travamos contra o capital em condições profundamente distintas das do seu tempo. É por isso que é tão importante encontrar espaço para ler e estudar Lênin. Ou se necessário “inventá-lo”. As exigências do trabalho prático militante são particularmente absorventes, mas não podem ser desculpa para deixar para trás a leitura e o estudo do fundador do primeiro partido revolucionário de novo tipo e do primeiro Estado de operários e camponeses. (MILITANTE, 2010)

Através dos estudos de Lênin, podem-se perceber na atualidade, expressões atuais dos monopólios, que hoje são as grandes empresas multinacionais, o domínio do capital financeiro e a exportação de capitais que se agigantou, principalmente na forma de capital-dinheiro, através do crescimento da dívida externa principalmente nos países periféricos. Hoje ainda, outras formas de exploração entre os países foram mais desenvolvidas e aprofundadas. Além de ele ter explicitado a forma como se desenvolveria as crises a partir de então.



Lênin avaliou que tinha se aberto com o imperialismo – que não era só uma política, mas uma nova era econômica do metabolismo do Capital - uma época histórica de apogeu e, ao mesmo tempo, hegelianamente, de decadência do sistema: uma época de guerras e revoluções. Nessa perspectiva, as crises do capitalismo deixariam de ser abalos cíclicos regulares, por certo destrutivos, mas compensados por fases de crescimento relativamente rápidos e vigorosos. As crises seriam cada vez mais intensas e mais frequentes, e as necessidades da recuperação da taxa média de lucro exigiriam uma elevação da massa de mais-valia extraída do trabalho, diminuindo - ou até impedindo – as margens de negociação de concessões. (ARCARY, p.124)

## REFERÊNCIAS

ARCARY, Valério. Lênin, Imperialismo e Revoluções. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/neils/downloads/v13\\_14\\_valerio.pdf](http://www.pucsp.br/neils/downloads/v13_14_valerio.pdf)> Acesso em: out. 2014.

BRAZZ, Marcelo e NETTO, José Paulo. Economia Política: Uma Introdução Crítica. São Paulo: Editora Cortez, 2006.

JÚNIOR, Plínio de Arruda Sampaio. POR QUE VOLTAR A LÊNIN? IMPERIALISMO, BARBÁRIE E REVOLUÇÃO. In: O imperialismo, etapa superior do capitalismo. Campinas: Navegando Publicações, 2011.

NETTO, José Paulo. Capitalismo Monopolista e Serviço Social. São Paulo: Editora Cortez, 2005

LÊNIN, V. I. O imperialismo, etapa superior do capitalismo. Campinas: Navegando Publicações, 2011.

VERMELHA, Expressão. Ler e estudar Lênin. Disponível em: <<http://expvermelha.wordpress.com/2014/01/22/ler-e-estudar-lenin/>> Acesso em: out. 2014.